

119

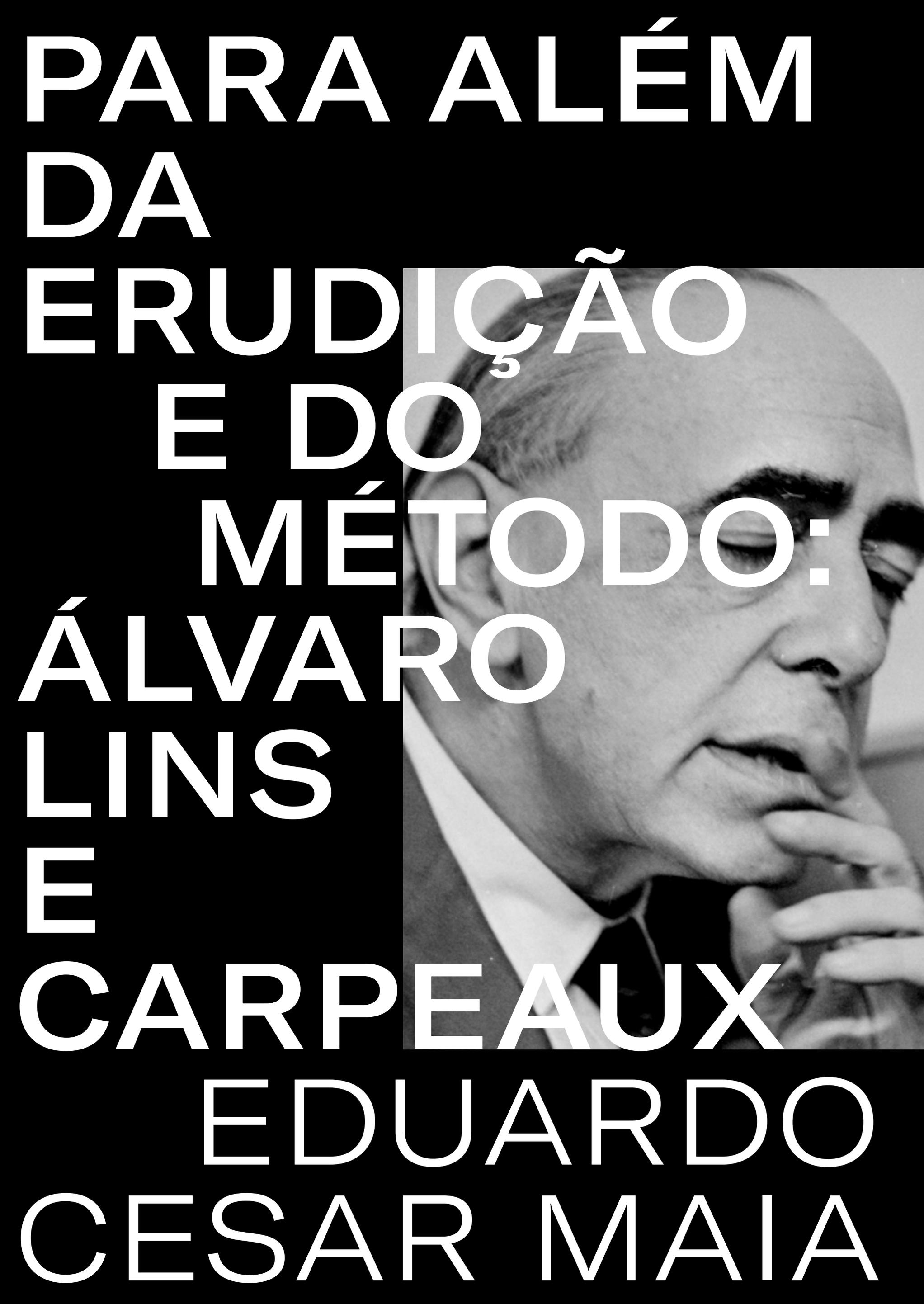
Para além da erudição e do método: Álvaro Lins e Carpeaux

Eduardo Cesar Maia

A admiração mútua entre os críticos Álvaro Lins e Carpeaux transcendeu o campo das afinidades literárias e intelectuais. A amizade, que nasceu a partir da relação epistolar, tornou-se mais forte com a convivência, intensificada com o trabalho jornalístico de ambos no *Correio da Manhã* e, principalmente, com o intercâmbio de ideias que estabeleceram. Tendo como fonte as reflexões do crítico pernambucano sobre Carpeaux e sua obra, desenvolve-se algumas ideias a respeito do pensamento de ambos, sobre o tema do exílio do intelectual austríaco e sua tão propalada (e malcompreendida) erudição.

The mutual admiration between the critics Álvaro Lins and Carpeaux transcended the field of literary and intellectual affinities. Their friendship, born of epistolary correspondence, grew stronger as they became personally acquainted and was intensified by their journalistic work at *Correio da Manhã*, and, above all, by the exchange of ideas established between them. Based on the reflections of Álvaro Lins about Carpeaux and his work, this article develops some observations concerning their critical thinking, the theme of the exile of the Austrian intellectual as well as his often noted (and misunderstood) erudition.

DOI 10.11606/issn.2447-8997.teresa.2020.154942



PARA ALÉM
DA
ERUDIÇÃO
E DO
MÉTODO:
ÁLVARO
LINS
E
CARPEAUX
EDUARDO
CESAR MAIA

CARPEAUX, O “TRANSTERRADO”

Discípulo dos mais destacados de José Ortega y Gasset e de Manuel García Morente, o filósofo e tradutor espanhol José Gaos cunhou um termo especial para se referir a sua particular condição de exilado em terras mexicanas – “soy un transterrado”, dizia. Com o neologismo, desejava estabelecer uma clara distinção entre a situação do desterrado, aquele que é forçado a deixar sua pátria e passa viver num lugar que lhe é alheio, estranho ou mesmo hostil; e a do “transterrado”, que, por sua vez, é aquele que, tendo que sair de sua terra natal, redescobre-se e se reinventa em outra, com a qual encontra tão grande sintonia e afinidade que passa a se sentir “empatriado” – outra bela palavra também concebida por Gaos para referir-se a si mesmo na nova circunstância.

A situação do crítico literário e intelectual polímata Otto Maria Carpeaux, em seu exílio brasileiro iniciado em setembro de 1939, guarda, se tomarmos em consideração a opinião de seu amigo Álvaro Lins (1912-1970),¹ grande semelhança com a descrita no parágrafo anterior. É importante lembrar que o intelectual pernambucano, que à época do início da atividade crítico-jornalística de Carpeaux no Brasil já exercia a função de titular do rodapé literário do então importantíssimo periódico carioca *Correio da Manhã*, foi um dos primeiros interlocutores e um dos principais facilitadores da entrada do austríaco no ambiente intelectual e literário brasileiro e, inclusive, de sua inserção profissional em nossa imprensa.

Nas próximas páginas, principalmente a partir da análise de ensaios publicados por Álvaro Lins em seu rodapé literário, nos quais o foco é a personalidade, o estilo, as obras e o pensamento crítico-literário de Otto Maria Carpeaux, tentarei mostrar como o pernambucano, além de ajudar o novo companheiro de letras em questões pragmáticas, também foi um intérprete arguto de seu pensamento crítico naquele primeiro momento,

1 Para um perfil crítico-biográfico de Álvaro Lins, com boa contextualização histórica, cf. BOLLE, Adélia Bezerra *A obra de Álvaro Lins e sua função histórica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979. Remeto, ainda, à edição especial da revista *Continente*, publicada no Recife pela CEPE, em novembro de 2012, na qual pode ser encontrada uma série de textos, de autores diversos, que se propõem a resgatar a trajetória de homem público do intelectual pernambucano, revisar seu pensamento crítico e reavaliar sua contribuição às letras e à crítica literária brasileira.

com intuições acertadas sobre o tipo particular de erudição, de inteligência crítica e sobre a dimensão humanista do pensamento de Carpeaux.

TOUT LE MONDE EST EN EXIL: ÁLVARO LINS APRESENTA OTTO MARIA KARPFFEN AO BRASIL

O artigo jornalístico que apresentou o crítico austríaco ao meio intelectual brasileiro, de autoria de Álvaro Lins, foi publicado no *Correio da Manhã* em 19 de abril de 1941 e foi intitulado, muito apropriadamente, “Um novo companheiro”. O texto foi reproduzido, posteriormente, na segunda série do famoso *Jornal de Crítica*, publicado pela editora José Olympio em 1943. Talvez valha a pena lembrar que o mesmo artigo teve ainda uma nova saída editorial em 1964, na antologia *O relógio e o quadrante*, e recebeu alguns retoques editoriais, como o acréscimo de subtítulos, revisões textuais e mesmo um título, digamos, repaginado: “Apresentação de um companheiro europeu em exílio”. Por maior fidelidade ao caráter jornalístico do texto original, seguirei a edição de 1943.

Eis o contexto: Otto Maria Carpeaux ainda iria estreitar como crítico no mesmo *Correio da Manhã* e Álvaro Lins aproveita o ensejo para oferecer aos leitores um perfil do homem e do intelectual. Para tal tarefa, utiliza como fonte fundamentalmente a relação epistolar entre os dois e alguns ensaios que o amigo lhe havia adiantado também por correio.

O texto, extremamente simpático e lisonjeiro em relação ao perfilado – coisa pouco comum em se tratando do rigoroso crítico pernambucano –, principia pela narração da escapada da família Karpfen² da Áustria, em março de 1938, cinco dias após o histórico *Anschluss*, a anexação da Áustria pelos nazistas. Em seguida, o articulista faz uma reflexão interessante sobre como a literatura e a vasta cultura humanística foram os meios que permitiram a Carpeaux se sentir em casa em qualquer parte, mesmo num país periférico como o Brasil:

É verdade que este escritor, austríaco de nascimento, ampliara, pelo espírito, a sua pátria: tornara-se um escritor europeu e universal. O exílio, contudo, também ampliara os seus círculos morais: tornara-se um fenômeno de todos os homens em todas as terras.³

2 Já no exílio, Otto Maria Karpfen assumiu o nome literário Otto Maria Carpeaux, com o qual atuaria na imprensa brasileira.

3 LINS, Álvaro: “Um novo companheiro”. In: *Jornal de Crítica* (2ª série). Rio de Janeiro: José Olympio, 1943, p. 294. Grifos meus. As próximas referências das citações dos *Jornais de crítica* de Álvaro Lins se darão no corpo do texto, entre parênteses, indicando a sigla JC junto ao número da série e a página, e cor-

Como não associar a ideia de possibilidade de ampliação da pátria, esboçada acima por Lins, com a concepção de “transterrado” e do ato de “*empatriarse*”, de José Gaos? A atitude vital e intelectual eminentemente integradora de Carpeaux transparece em cada linha desse artigo que lhe traça o perfil, seja pelo caráter universalista de sua cultura humanista, seja pelo elemento religioso (o espírito ecumênico do catolicismo), mas também pela própria complexidade cultural de seu país e, sobretudo, de sua cidade natal: “Viena significa o ponto de encontro de três mundos diversos: o mundo germânico, o mundo eslavo e o mundo latino” (JC2, p. 296). É claro que, além desses fatores, a própria circunstância de exilado em dificuldades materiais e a necessidade de sobreviver de acordo com as capacidades que melhor desempenhava também contribuíram para que Carpeaux buscasse, da maneira mais rápida possível, integrar-se à cultura literária brasileira através do trabalho jornalístico, da pesquisa e do estudo autodidata. Coisa que, de fato, realizou em um tempo impressionantemente curto. Para se ter uma ideia, os primeiros ensaios enviados por Carpeaux para o *Correio da Manhã* foram escritos em francês e traduzidos para o português por amigos, mas, em menos de um ano, o poliglota dominaria perfeitamente a escrita de nosso idioma e, com o tempo, passaria a colaborar em diversos periódicos e em outros importantes empreendimentos editoriais brasileiros.

Neste ponto, e invertendo os papéis, vale mencionar um trecho do ensaio “Álvaro Lins e a literatura brasileira”, texto que integra o volume *Origens e fins* (1943), de Otto Maria Carpeaux: “Acho que um intelectual recebido num país estrangeiro não tem o direito de aproveitar-se dessa hospitalidade sem o dever, um dever muito rigoroso, de interessar-se pela literatura desse país, até as últimas possibilidades de compreensão”.⁴ O processo de “empatriamento” do austríaco era, como se vê, fruto de um projeto consciente, de um sentido de dever ético.

No entanto, é preciso reconhecer que a condição de exilado nunca pode ser completamente superada, obliterada, ainda por cima naquele contexto (a Segunda Grande Guerra). Álvaro Lins mostra dialeticamente que, por outro

respondem, em ordem cronológica, às seguintes edições: LINS, Álvaro. *Jornal de Crítica* (2ª série). Rio de Janeiro: José Olympio, 1943; LINS, Álvaro. *Jornal de Crítica* (3ª série). Rio de Janeiro: José Olympio, 1944; LINS, Álvaro. *Jornal de Crítica* (4ª série). Rio de Janeiro: José Olympio, 1946; LINS, Álvaro. *Jornal de crítica* (7ª série). Rio de Janeiro: *O Cruzeiro*, 1963.

4 CARPEAUX, Otto Maria. “Álvaro Lins e a literatura brasileira”. In: *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Edições da C.E.B., 1943, p. 368.

lado, naquele momento, todos na Europa vivenciavam, de uma maneira ou de outra, mesmo os que nunca saíram de sua terra, uma forma de exílio, em perpétuo alarme. No trecho a seguir, Lins toca nesse ponto e, ainda, traz um trecho de uma carta, redigida em francês, que recebera de Carpeaux:

O escritor que abandonou o seu país, numa fuga perigosa e cheia de aventuras, continua, assim, em exílio, apesar da universalidade do seu espírito. Ele próprio escreveria mais tarde: “*Tout le monde est en exil. Ce ne son point les émigrés, eux seuls, qui s’évandent. C’est toute l’Europe, et, bientôt, plus que l’Europe. Toute l’humanité a plié ses tentes pour se mettres en route*”.⁵ (JC2, p. 294)

A oposição frequentemente encontrada no pensamento de Álvaro Lins entre literatura e ideologia (ou política) aparece de forma latente na maneira como apresenta a situação do amigo: a cultura literária era um elemento integrativo, vitalista, positivo; a ideologia, a política e os nacionalismos, por outro lado, reforçavam o sentimento de desterro e alienação. A literatura, e isto é o que fundamentalmente marca o pensamento crítico de Lins, é vista como uma instância superior de diálogo, conhecimento e concórdia entre os homens e as nações – uma visão eminentemente humanista; e o processo de “*empatriarse*” do amigo dava um grande testemunho disso.

Outro ponto interessante mencionado no mesmo artigo é uma curiosa referência ao projeto de “*une nouvelle école de Recife*” (JC2, p. 295) idealizada pelo austríaco. A menção é muito breve e superficial, mas se insinua ali uma espécie de programa de estudos e de ação intelectual que envolvia, ainda, Gilberto Freyre. A ideia, bastante sintética no trecho da carta reproduzida no artigo, é fazer uso do melhor da herança cultural europeia para proveito de um mundo novo. Infelizmente, nada mais é dito sobre o tema.

Merece atenção também, pelo que sabemos hoje a respeito das principais influências na formação intelectual de Carpeaux, a perspicácia crítica de Álvaro Lins ao intuir, com pouco material textual em mãos, quais autores foram mais decisivos para a visão de mundo do amigo. Para Lins, os mestres mais determinantes na construção do universo

⁵ Em tradução nossa: “Todo mundo está em exílio. Não são somente os imigrantes, apenas eles, os que se evadem. É a Europa toda e, daqui a pouco, mais que só a Europa. A humanidade toda fez as malas para se pôr na estrada”.

mental de Carpeaux foram Burckhardt, Weber, Croce e Alain... A falta, nessa pequena lista, do nome do napolitano Giambattista Vico e de Wilhelm Dilthey, centrais na *Weltanschauung* do autor de *A cinza do purgatório*, não diminui o mérito da análise do pernambucano naquelas circunstâncias de contato ainda recente.

Um importante traço comum entre ambos os críticos transparece nesse mesmo texto; uma marca da personalidade que se refletia, segundo Lins, na forma literária do ensaísmo de Carpeaux: um estilo muito pessoal de escrita, “muito direto, muito denso [...]. Notar-se-á que é um estilo vivo, preciso e ardente. Às vezes enérgico e áspero” (JC2, p. 298). É provável que a rápida identificação do pernambucano com o companheiro de letras tenha começado justamente por esse caráter personalista que se manifesta na palavra escrita e na atitude crítica: o espírito agônico, a disposição para a polêmica e o “temperamento de inconformista” (JC2, p. 298) que Álvaro Lins encontra em Otto Maria Carpeaux é uma característica basilar de sua própria perspectiva crítica e de seu tom quase sempre combativo na atividade jornalística.⁶

SOBRE A CINZA DO PURGATÓRIO E O SENTIDO DA ERUDIÇÃO

Em 1942, Otto Maria Carpeaux lançava seu primeiro livro no Brasil, uma coletânea de artigos publicados desde sua estreia no *Correio da Manhã*. No ano seguinte, Álvaro Lins publica, entre os meses de março e abril, em duas partes, em seu rodapé literário, uma análise detalhada de *A cinza do purgatório*.

De início, o pernambucano retoma o tema do exílio – o que vem a enriquecer a perspectiva apresentada no primeiro artigo. Segundo ele, na situação de exílio, “perde-se um imponderável elemento do seu próprio ser”. Contudo, ainda que algo irremediavelmente seja perdido, o trabalho intelectual e crítico são ferramentas de recuperação de sentidos. Lins parece complementar o texto anterior – o de apresentação do novo amigo – desenvolvendo a argumentação em torno de uma busca incessante de uma “integralidade” da pessoa depois do exílio. Algo intangível se perdeu e precisa ser reconstruído: a memória pessoal e a memória literária devem ser os caminhos para

⁶ Um dos valores fundamentais endossados pelo crítico pernambucano, desde o princípio de sua carreira nos rodapés, foi o da autonomia individual como centro e fundamento da crítica literária. Para uma visão mais detalhada, remeto ao meu artigo “O último refúgio do indivíduo: o ideal de autonomia na crítica de Álvaro Lins”. *Teresa*, n. 18, 2018, pp. 77-92.

o austríaco se reconstruir. O pernambucano sugeria que essa perda excitara o homem a outros descobrimentos: “Ele retirou o seu drama de exilado do plano sentimentalista para o colocar no plano da história, da filosofia e da literatura” (JC3, p. 230). E seria esse o elemento ao mesmo tempo estruturador e vitalizador de *A cinza do purgatório*.

Álvaro Lins reconhece que o ensaísta já tinha escrito muitas páginas importantes em outros países, tanto de crítica como de “doutrina”, mas considera que o Brasil deu ao amigo uma outra dimensão existencial, enriqueceu sua visão e espírito. A nova circunstância teria lhe dado “a oportunidade de recuperar pelas ideias, no seio de uma nova pátria, os objetos perdidos” (JC3, p. 232). Uma nova pátria como uma nova luz depois da escuridão do passado. Enfim, Lins insiste em que é preciso considerar essa vivência e essa experiência de exílio – essa “empatriação” – para entender a obra crítico-literária de Carpeaux, alguém que “não é estrangeiro em qualquer território ocidental” (JC3, p. 230).

Em um segundo momento, Lins passa a refletir sobre a produção crítico-jornalística do austríaco, especificamente se referindo ao então ainda breve período brasileiro. O reconhecimento do mérito superior da atuação de Carpeaux no Brasil é algo que merece ser reproduzido: “Em assuntos literários, nunca a imprensa brasileira publicou outra matéria de mais importância, de mais significação, de tantas consequências para nossa literatura” (JC3, p. 231). Mais uma vez, é preciso enfatizar que uma declaração dessas não era algo comum em alguém como Álvaro Lins. Lição de humildade – um tanto surpreendente, diga-se – de quem sabe que, embora amplamente preparado em sua erudição e educado em seu gosto, não teve a possibilidade de acesso a tanto em sua particular circunstância existencial. Otto Maria Carpeaux, oriundo de uma Viena cosmopolita e culturalmente efervescente, dedicara-se ao legado intelectual e cultural do Ocidente com a ânsia de quem pretendia realmente abarcar tudo. Nesse momento, inclusive, o crítico pernambucano já estava informado da preparação do que viria a ser a monumental *História da literatura ocidental*, e se arrisca a afirmar que essa será a *opera magna* e o legado fundamental de Carpeaux.

A parte talvez mais interessante do texto, pelo menos no que se refere aos estudos literários, traz uma descrição minuciosa do que Lins julga ser o método crítico do autor de *Origens e fins*:

Carpeaux lança o assunto em algumas linhas, acrescenta em seguida uma pequena biografia ou apresentação, e coloca depois em foco a

figura ou problema fundamental do ensaio. Desenvolve-o, então, até o fim, seguindo a ordenação dos assuntos com a dialética que faz uma ideia provocar a ideia seguinte até que elas em conjunto venham constituir uma síntese e uma conclusão. Resguarda assim o crítico uma posição de imparcialidade. (JC3, p. 234)

A ideia de síntese – operação que envolveria impressão, intuição, erudição, valoração e criação – é fundamental na reflexão de Álvaro Lins, no sentido de mostrar o que há de particular na abordagem crítica de Carpeaux; algo que ultrapassa, em muito, o tópico tão recorrente – seguramente também verdadeiro – de sua grande erudição.

Para termos uma ideia mais clara do que Lins pensava sobre esse tema, recorro a um ensaio seu, “Impressionismo e erudição”, dedicado à figura do crítico português Fidelino de Figueiredo, também um grande erudito, influenciado pela filosofia vitalista de Miguel de Unamuno. Figueiredo havia iniciado sua carreira com a ambição – então em voga – de estabelecer novas bases para uma forma de crítica científica, seguindo os modelos de Taine, Brunetière e do também português Teófilo Braga, mas sua experiência concreta na crítica literária o teria apartado pouco a pouco do projeto inicial. Segundo Lins, ele se sentira impossibilitado de criar um sistema (JC2, p. 289), e desenvolveu a noção de que a literatura, em sua dimensão valorativa e crítica das vivências humanas, transcendia as possibilidades analíticas do formalismo e do rigorismo metodológico da ciência da época. Qualquer tipo de pretensão a uma “ciência da literatura”, nessa perspectiva, desempenharia somente uma função secundária na atividade crítica. Assumindo o mesmo entendimento, o pernambucano reforçava que “a ciência da literatura constitui um método da crítica, mas está longe de esgotar todas as possibilidades criadoras da crítica” (JC2, p. 290). Da seguinte maneira, Álvaro Lins sintetiza sua concepção:

Sabemos que a crítica não é só impressionismo, não é só aproximação ou julgamento no plano subjetivo. Não é somente uma arte. Por outro lado, porém, ela não pode se fechar nos limites de um seco objetivismo, não pode ser uma prisioneira das leis e dos conceitos de outras ciências. A crítica se forma de uma união mais complexa de elementos objetivos e subjetivos. Existe necessariamente uma ciência da literatura que exige conhecimentos especializados e metodologia própria. Sobre ela é que

se ergue a crítica criadora, livre nos seus movimentos de espírito, mas apoiada e impulsionada pela ciência literária. (JC2, p. 290)

Um pouco mais adiante, arremata:

Um simples objetivismo não teria forças para criar mais do que uma figura de erudito. Um simples subjetivismo, por sua vez, não teria forças para criar mais do que uma figura de divagador. O que se deve é tomar a erudição como um ponto de partida para atingir o impressionismo. Pois o verdadeiro crítico há de ser um erudito e um impressionista; esta síntese é que faz da crítica uma obra criadora dentro da literatura. (JC2, p. 291)

É essa mesma versatilidade intelectual – uma capacidade ao mesmo tempo intuitiva, enciclopédica, analítica, engenhosa (criativa) – que melhor aclara o alcance crítico-filosófico dos textos de Otto Maria Carpeaux. Álvaro Lins usa uma frase de Karl Mannheim que se coaduna perfeitamente com o perfil que ele traça nesse segundo ensaio dedicado ao amigo: “O problema da *intelligentsia* é a síntese” (JC3, p. 242). A ideia de síntese crítica, assim, não pode ser confundida com uma mera operação matemática ou tautológica, não se trata de tirar uma média aritmética. A literatura, como uma forma superior de “representação das ideias e homens em movimento” (JC3, p. 235), origina-se da compreensão profundamente humanista de que os problemas humanos não são compartimentados: política, arte, religião, psicologia são manifestações diversas de interpelações existenciais indissociáveis, confluentes.

No texto, Lins ainda diz que a palavra “erudição” se encontra muito desgastada por um uso que lhe parece muito equivocado – a ideia do “rato de biblioteca”. No ensaísmo crítico Carpeaux, no qual se revelava a “movimentação nos domínios da literatura comparada” (JC3, p. 240), o pernambucano encontra um perfeito contraexemplo: nele não haveria espaço para a erudição entendida simplesmente como capacidade de acúmulo de informação, de dados; seu texto é sempre já interpretação, e nunca somente apresentação de dados, autores, escolas e obras. Ele reuniria, assim,

o racionalismo dos franceses, o espírito filosófico dos alemães e a paixão dos espanhóis. Isto não se explica só pelo universalismo de sua formação cultural, mas também pelas condições especiais de sua pátria, a Áustria, que se tornou centro de encontro de diferentes povos europeus. (JC3, p. 238)

Não se confunda aqui a contextualização desse caldo cultural em que Carpeaux foi educado com alguma forma de determinismo geográfico ultrapassado. É a variedade da experiência vital e formativa aliada à capacidade lógico-racional e à sensibilidade poética que comporiam, segundo Álvaro Lins, em último termo, a grandeza crítica do novo companheiro.

Em suma, o pernambucano apresenta seu amigo como um autêntico humanista, no sentido de que “ele entende o fenômeno literário como um conhecimento, uma revelação da personalidade” (JC3, p. 234). A literatura não é um assunto somente para especialistas, ou apenas um meio de evasão da realidade pela fantasia; é uma genuína forma de acesso e conhecimento da realidade humana – realidade social, mas também a dimensão “interior” – irreduzível a visões monológicas ou a métodos totalizantes e exclusivistas por parte da crítica. De acordo com um dos principais estudiosos da tradição humanista,

se compararmos a obra de diferentes humanistas, chegaremos à conclusão de que sustentavam uma grande variedade de opiniões e ideias, e de que devemos buscar seu denominador comum em um ideal educativo, erudito e estilístico, assim como na extensão que seus interesses e problematizações abarcam, mais do que em sua lealdade a qualquer conjunto dado de opiniões filosóficas ou teológicas.⁷

Já segundo o crítico brasileiro Wilson Martins,

O que caracteriza, pois, os críticos da linhagem humanista é a posse de um espírito erudito, inclinado à investigação, típico dos humanistas mais eminentes. Para eles, o fenômeno literário é de natureza filosófica, e a literatura, um instrumento de conhecimento do homem. A noção de estilo deixa de ser gramatical para se tornar filológica.⁸

A variedade de temas e de relações que Carpeaux estabelece em seu primeiro livro “brasileiro”, sua preocupação abrangente com um projeto de sociedade e de homem, leva a afirmação de que “o livro de ensaios

⁷ KRISTELLER, Paul Oskar. *Ocho filósofos del Renacimiento Italiano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1970, pp. 15-16.

⁸ MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*, v. 1 e v. 2. Rio de Janeiro: Francisco Alves/Imprensa Oficial do Paraná, 2002, p. 106.

de Otto Maria Carpeaux tem o aspecto de um panorama de ideias e problemas universais” (JC3, p. 236).

A APOLOGIA (POLÍTICA) DE KARPFFEN

No ensaio “A glória e seus mal-entendidos”, publicado em 7 de maio de 1944, o crítico pernambucano faz um reconhecimento geral da obra de Carpeaux três anos depois de tê-lo apresentado aos leitores do *Correio da Manhã* como uma grande “aposta” pessoal. Agora, confirmadas suas expectativas em relação à contribuição do pensador austríaco ao país que lhe abrigou (JC4, p. 273), atesta que o reconhecimento da intelectualidade brasileira já era então bastante amplo, ainda que algumas restrições e críticas – a maioria delas de caráter mais pessoal e ideológico do que propriamente intelectual – circulassem entre jornalistas e escritores. Álvaro Lins então articula uma bela e contundente apologia política, rebatendo as acusações de que o amigo recebera apoio de integralistas para se estabelecer no Brasil:

Há portanto um mal-entendido quando se insinua que ele se instalou aqui mediante a proteção de fascistas. Sabe-se, ao contrário, que foi o *Correio da Manhã* que decidiu sua permanência entre nós, fazendo dele um de seus colaboradores. Havia dois anos que estava no Brasil, e para aparecer num meio adequado, para se salvar da desesperada situação de exilado que tudo perdera na fuga, ele não bajulou ninguém, não se corrompeu, não se degradou. Defendeu, no meio de todas as privações e sofrimentos, a sua dignidade de homem e de escritor. (JC4, p. 274)

Mais adiante, o autor de *Os mortos de sobrecasaca* passa a esclarecer outros mal-entendidos e insinuações relacionadas à atividade intelectual e política de Carpeaux antes do exílio. Essas acusações, nunca comprovadas, seriam fomentadas, segundo Álvaro Lins, por pequenas invejas, ressentimentos e briga por posições, e tais coisas seriam sintomas da glória já alcançada por Carpeaux em sua nova pátria. Pelo menos a glória possível, diz Lins, “num país onde os livros de sucesso ficam de modo geral em cinco mil exemplares” (JC4, p. 273).

O que parece fundamental, em última instância, a ampla apologia política e moral construída nesse artigo é algo que transcende o âmbito das supostas convicções de natureza ideológica de Carpeaux: trata-

se de seu temperamento avesso a qualquer forma de sectarismo ou dogmatismo; era alguém “tão independente e livre na Áustria quanto Maritain e Bernanos na França” (JC4, p. 276). A independência de juízo, a autonomia intelectual e o espírito insubmisso, características já apontadas relativamente ao seu labor crítico, são agora lembradas por Álvaro Lins para deixar patente a injustiça e a incongruência dos boatos maledicentes que pesavam sobre Carpeaux.

E chega a ser ridículo se não é antes revoltante, lançar suspeitas políticas sobre um escritor que perdeu sua casa, os seus móveis, os seus livros – tudo: as posições, os amigos, a família, a pátria – por causa de ideias democráticas, da sua intransigente campanha contra todas as formas de fascismo, inclusive seus escritos contra o regime de Franco desde 1936. Otto Maria Carpeaux foi na Áustria um católico liberal, democrático e esquerdista, em discordância muitas vezes com a maioria dos próprios católicos. (JC4, p. 276)

Com dois livros já publicados em português naquele momento, *A cinza do purgatório* e *Origens e fins*, Otto Maria Carpeaux estava, segundo Lins, sendo questionado não por suas ideias, o que conformaria um verdadeiro debate intelectual, mas somente por questões de ordem privada, e ainda por cima de maneira distorcida.

ERROS E ACERTOS NA PEQUENA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA DA LITERATURA BRASILEIRA

Já em “Bibliografia brasileira”, uma resenha publicada em 8 de março de 1952 sobre *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (1949), Lins endossa que o autor estudou o país e sua literatura como poucos brasileiros puderam fazer, e que a obra tem grande relevância como esforço de sistematização nos âmbitos da história e da crítica literárias, assim como para os estudos didáticos de literatura brasileira: “Ora, como bem poucos, o Sr. Otto Maria Carpeaux se acha em condições de aplicar o aparelhamento da cultura europeia ao estudo das letras brasileiras” (JC7, p. 44).

O tom de Lins nessa resenha escrita mais de dez anos após seu primeiro texto sobre Carpeaux, apesar do respeito e de todas as considerações e recomendações prévias, é a de um crítico bem mais rigoroso com as falhas particulares, os problemas editoriais e as inconsistências interpretativas. É, portanto, um caminho distinto do

empregado nas recensões anteriores: ao invés de fazer apreciações mais gerais e refletir a partir delas, ele aponta diversos problemas concretos no livro do amigo a partir de uma leitura atenta aos detalhes, assumindo a função de uma espécie de revisor editorial.

Deixando claro de antemão que a obra tem valor incontestável e que já poderia ser classificada como “imprescindível” para os estudos literários no Brasil, Lins passa a apontar o que teria que ser melhorado e aperfeiçoado em possíveis futuras edições do livro, “pois cada um de nós poderá apresentar sem embaraços uma lista de nomes e obras que deveriam estar incluídos com alguma menção neste volume. Quanto a mim, o que procuro é dominar a tentação de utilizar-me por demais dessa facilidade crítica” (JC7, p. 45).

Entre os principais problemas enumerados, encontra-se o plano de apresentação bibliográfica: a adoção de uma combinação entre um critério cronológico tradicional e outro de natureza mais estilística teria causado algumas confusões e deixado certos autores “soltos no ar”. Ainda que reconhecesse que qualquer critério tem seus limites e que todo esquema é uma formalização, um artifício, Lins parece realmente incomodado com determinadas classificações e localizações:

Em certos casos, tem-se a impressão de que o Sr. Otto Maria Carpeaux ficou um pouco de longe, com alguns autores como que numa bandeja, sem saber onde situá-los historicamente, nem onde colocá-los artisticamente. E teve que fazer, conseqüentemente, muitas acomodações e múltiplos ajustamentos de emergência. (JC7, p. 47)

Além desse, haveria um outro tipo de inconsistência, segundo Lins, ainda relacionada ao critério de divisão e periodização, nas ocasiões em que o autor da *Pequena bibliografia...* misturava critérios de caráter estético com outros de ordem político-ideológica em algumas classificações e subdivisões, como no caso do romantismo – “romantismo individualista” e “romantismo liberal” (JC7, p. 47).

O resenhista mostra também algumas incongruências internas ao texto, como quando o próprio Carpeaux afirma que os autores do nosso modernismo não tinham e não queriam ter relação alguma com o simbolismo, mas, páginas adiante, assume exatamente o contrário ao falar da influência do movimento simbolista em alguns grupos modernistas. Em outro caso, contradiz-se quando declara, depois de afirmar o valor e o pioneirismo de Manuel Antônio de Almeida como

introdutor e – talvez – maior nome do romance urbano de cunho mais social (crítico) no Brasil, que o mesmo tipo de romance só teria tido início no país, de fato, com Lima Barreto.

Um elemento curioso que aparece no artigo é uma – indisfarçada – implicância com a figura do poeta Manuel Bandeira. Muito provavelmente, algum problema pessoal entre os dois pernambucanos havia ocorrido por aquela época. O ressentimento fica evidente tanto pela quantidade de “alfinetadas” como pelo tom irônico empregado por Lins. Em um dos casos, que chega mesmo a ser engraçado, Álvaro Lins tece comparações entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira alegando a “evidente superioridade” do escritor paulista: “Ele é bem mais importante como valor de obra do que o Sr. Manuel Bandeira, e muito mais significativo do que este, nem se compara, no movimento modernista” (JC7, p. 48). Para além da qualidade literária, a autoridade de Manuel Bandeira como crítico também é questionada: as antologias poéticas organizadas pelo autor de *A cinza das horas* não deveriam ser consideradas – como havia feito Carpeaux – definitivas; “longe disso”, escreveu insolentemente Álvaro Lins (JC7, p. 49). A obsessão em diminuir Bandeira é indisfarçável.

Álvaro Lins conclui sua resenha referindo-se a problemas de natureza editorial, como uma série de erros de revisão e mesmo na correspondência dos números das páginas com os do índice onomástico.

A revisão, hoje, dos artigos e ensaios publicados por Álvaro Lins sobre o pensamento e as obras críticas de Otto Maria Carpeaux, entre as décadas de 1940 e 1950, pode nos auxiliar a repensar alguns tópicos que voltam a ser pontos de interesse para o redimensionamento, no debate público de ideias, das possibilidades da crítica literária diante do que chamamos “crise das humanidades”, numa época, como a nossa, marcada pela superespecialização dos saberes e pela consequente compartimentação das áreas do conhecimento. É possível refletir também sobre como a crítica se coloca frente aos desafios comunicacionais das novas tecnologias, principalmente com a popularização dos debates literários nas redes sociais – a atividade crítica de colunistas digitais, blogueiros e *booktubers* têm ensejado a retomada e, portanto, a reavaliação de certos atributos que eram comuns à atividade dos chamados “críticos de rodapé”, como o ensaísmo de tom mais personalista, marcado por uma vontade de estilo, pelo resgate do elemento impressionista no julgamento crítico e pelo diálogo claro e aberto com um público amplo e não especializado.

Além disso, os temas referidos e analisados por Álvaro Lins ao tratar da obra de Carpeaux – o exílio, a particular concepção de erudição e a filiação à tradição intelectual humanista – atualizam-se também por se relacionarem a algo que me parece central nos estudos literários contemporâneos e no debate público sobre literatura: a oposição entre a cultura literária, entendida como um ideal de integralidade, de autoformação e de crítica, por um lado, e as demandas de caráter exclusivamente político-ideológico, por outro. A admiração de Álvaro Lins pelo pensador austríaco, arrisco-me a dizer, tinha como fulcro a noção de que cada perspectiva humana – e isso se reflete de maneira fundamental na crítica literária – é única e fruto de uma experiência individual de mundo que não pode ser submetida a teorias abstratas, dogmas ou ideologias políticas sem prejuízos à autonomia do pensamento.

EDUARDO CESAR MAIA é professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco.

Para D. Helena e ltho,
esta lembrança de grande
amizade.

JORNAL
DE
CRITICA

Alvaro

Rio. 18.11.941

1.ª Série

to caro Carpeaux - com a
velha amizade e a admiração
cada vez maior do seu

Aspectos plenos

da

Literatura Brasileira

A
Otto Maria Carpeaux,

homenagem de
MARIO DE ANDRADE

g. de Andrade

S. Paulo, 22/II/43

Para Otto e Helena

— adivináveis e queridos

amigos — com todo o

JORNAL

DE

CRÍTICA

sentimentos de afeto do

seu

Alvaro

Prezada amiga Helena Carpiava:
O que escrevi de melhor, ou de menos
ruim, em matéria de crítica literária,
está neste ~~volume~~ ^{volumepo}. Mas não
é por isso que lh'o ofereço.
Solicito a sua atenção para

o capítulo 5º (V) da Primeira
Parte, pages 44-51, solicitando
também, para o mesmo, a atenção do
Oth.

Feito isto, só me resta
pedir - lhe ^{que} faça de conta que
estão também neste volume ~~as~~
palavras que escrevi em "O
Relógio e Quadrante", ^{que estão}
lhe enviando junto com ^{as} aquelas
palavras valer para este livro
como para o outro.

Bordiamente, com a lem-
brança, no passado, pois não es-
queço o ^{que} fazem de bem ou de
mal, do seu amigo e admirador,
Agosto-1968 Alvaro Lima